

CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS COLETIVAS E ESCUTA EM HOSPITAL GERAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO DE PSICOLOGIA

*Collective Story Creation and Listening in a General Hospital: An Experience Report from a
Psychology Internship*

Jeison Saldanha de Melo¹
Henriko Kratsch²
Mayara Martins³

Resumo

O estágio permite aos acadêmicos de psicologia aplicar os conhecimentos, aprofundando o processo de formação e de escuta. No ambiente hospitalar, a escuta qualificada e valorização dos usuários encontram os pressupostos da Política Nacional de Humanização (PNH). Fundamentado em conceitos das oficinas estéticas, objetiva-se relatar a experiência de escuta de pacientes hospitalizados em um hospital do planalto norte de Santa Catarina em 2022, mediada pela criação de história coletiva. A mediação foi adaptada às restrições sanitárias da COVID-19, mantendo os princípios das oficinas estéticas. As narrativas foram tecidas a partir dos temas discutidos inicialmente, utilizando-se da dialogicidade para a criação conjunta. Produzir histórias atuou como uma ferramenta artística que medeia diálogos em contextos hospitalares, utilizando-se da criação para espaços de enriquecimento pessoal, expressão e ampliação de possibilidades individuais, culturais e valorização dos usuários. A vivência dos estagiários nesse ambiente revelou tanto a complexidade da prática profissional quanto o poder transformador dessas oficinas, integrando significados individuais e coletivos, desconstruindo dinâmicas cristalizadas e promovendo uma presença mais autêntica entre os participantes. Constata-se que estágio em psicologia em área hospitalar traz experiência importante à formação profissional com interface com a saúde e PNH, na escuta e valorização dos usuários. A orientação pelos conceitos das oficinas estéticas empregadas no campo operou como propulsora da interação e ressignificações acerca do processo de hospitalização e reconhecimento dos sujeitos e seus aspectos emocionais.

¹ Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/CAPE). E-mail: psi.jeison@gmail.com

² Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). E-mail: henriko.psi@gmail.com

³ Psicóloga. Pós-graduada em Psicologia Clínica Histórico-Cultural, atuando no SEST SENAT - Rio Negrinho/SC. E-mail: psicologamayaramartins@gmail.com

Introdução

A prática de estágio oferece oportunidade para que os acadêmicos possam exercer seus conhecimentos compreendidos até então, abre caminho para novas pesquisas e apropriação de seu processo de formação enquanto vê sua prática tomando forma (Bianchi *et al*, 2012). Acerca da atuação do estágio supervisionado em psicologia, observa-se que, diante das situações vividas pelo estudante, é necessário atentar-se de forma crítica às necessidades do campo, para que sua atuação seja benéfica e produtiva dentro deste ambiente. Servindo como uma ferramenta propulsora de questionamento quanto à sua prática, buscando sua qualificação diante da realidade analisada e devolvida à comunidade mantendo seu caráter ético-político (Neto e Lima, 2019).

A prática da Psicologia Hospitalar começa a tomar corpo no cenário do cuidado em saúde no Brasil a partir da década de 1970, e aos poucos foi recebendo a nomenclatura atual (CFP, 2019). A atuação do psicólogo nesses ambientes tem como pauta a necessidade de estudar o paciente além da doença, focando na capacidade de crescimento pessoal, proporcionando espaços para a escuta do sofrimento psíquico, mas sempre considerando as interfaces com os processos biológicos e socioculturais que se apresentam naquele momento.

A discussão acima vai ao encontro daquilo que é preconizado pela Política Nacional de Humanização (PNH), que surge no cenário da saúde como uma diretriz para a prática de humanização hospitalar e da rede do Sistema Único de Saúde (SUS), a fim de transformar as relações de trabalho através da comunicação entre os grupos, transversalizar as posições e interações (Brasil, 2013). A transversalidade consiste no reconhecimento da diversidade de especialidades da saúde que são implementadas no cuidado daqueles que são assistidos, produzindo saúde de forma corresponsável (Brasil, 2013).

A partir dessas premissas, desenvolveu-se uma intervenção, durante o estágio supervisionado em Psicologia, em um hospital geral do planalto norte de Santa Catarina, em 2022, com o objetivo de promover escuta e acolhimento por meio da criação coletiva de histórias, fundamentada nos conceitos das oficinas estéticas. Considerando as possíveis limitações físicas e emocionais de pacientes e acompanhantes no contexto de internação, somado às restrições de biossegurança

devido à COVID-19, optou-se pela utilização das oficinas estéticas como estratégia de intervenção, com o objetivo de promover a humanização por meio do acolhimento e da escuta no ambiente hospitalar.

As oficinas estéticas podem ser entendidas como um processo de criação e desenvolvimento artístico, a partir das relações sociais consigo e com o mundo. Devem ser conduzidas por um mediador, com a utilização de um instrumento de mediação, a fim de promover experiências singulares e coletivas. Neste caso, a intenção era promover a integração e dar novos sentidos às experiências dos pacientes e acompanhantes que se encontram no mesmo quarto. Este modo de trabalho em grupo é capaz de despertar novas formas de subjetivação, gerando coletivamente os assuntos levantados e a criatividade. A arte é capaz de potencializar mudanças nos contextos grupais, configurando outros sentidos que implicam em transformações para aquele grupo. Este convite à transformação de uma situação vivida em arte, neste caso, criando histórias, faz com que o sujeito se distancie da situação em foco e permita que ela seja observada a partir de um novo ponto de vista de si e da vivência (Reis e Zanella, 2015).

Sendo assim, este relato tem como objetivo apresentar e problematizar essa experiência de intervenção, analisando seus efeitos no contexto hospitalar à luz da perspectiva ético-estético-política da Psicologia Social.

Método

A intervenção foi realizada em alas de internação de um hospital geral do planalto norte de Santa Catarina, no ano de 2022. Empregou-se a construção coletiva de histórias como técnica mediadora, adaptada às restrições sanitárias impostas pela pandemia de COVID-19 e fundamentada nos princípios das oficinas estéticas (Reis e Zanella, 2015).

Antes da aplicação da atividade principal embasada no conceito de oficinas estéticas, os estudantes realizavam um levantamento de pacientes internados e acompanhantes que estavam presentes no quarto para que a oficina ocorresse de maneira efetiva, pois o objetivo era promover a integração dos sujeitos, assim como o acolhimento e a escuta.

Após a entrada em cada quarto, duas dinâmicas eram feitas na busca de um primeiro contato: a primeira dinâmica consistia em apresentar-se e associar a si mesmo um objeto, palavra e/ou frase que cumprisse com a identificação subjetiva;

a segunda consistia em "fazer um passeio imaginário" a fim de estimular a imaginação dos sujeitos, pois, ela se objetiva na atividade criadora propondo novos sentidos e ressignificação (Maheirie *et al.*, 2007).

Quanto à atividade principal, de oficina estética, os sujeitos eram convidados, a partir dos assuntos evocados nas duas primeiras dinâmicas, à construção de uma história coletiva dentro do quarto, com o objetivo de suscitar nestas relações o processo dialógico das subjetividades e da criação, utilizando-se da imaginação. O caráter de ser dialógico diz respeito "à condição relacional, responsiva - e por conseguinte alteritária - de toda pessoa, de todo ato, seja este objetivado em uma palavra, um gesto, uma imagem, uma expressão" (Brito e Zanella, 2017, p. 46). Ou seja, as relações que se constroem no processo criativo se fundem e se separam de acordo com aquilo que é entendido em sua integralidade subjetiva, se fazendo presente em uma trama complexa de vozes e discursos que se transformam, complementam, confrontam e distanciam-se pelo caráter dialógico e mutuamente construído (Brito e Zanella, 2017).

Considerando o caráter dialógico das oficinas estéticas, o trabalho realizado em cada quarto de internamento, preconizou sempre pela leitura dos sujeitos e do mundo em uma relação dialógica intensa, atravessada pelas vivências no contexto hospitalar, contemplando suas variações de tempo e de espaço, tudo é dialógico e responsivo, embasado em possibilidades de respostas que foram concretizadas através dos registros daquilo evocado pela linguagem e interação dos sujeitos comprometidos (ou não) com o ato de criação, tudo se apresenta como abertura para outras e novas possibilidades (Brito e Zanella, 2017). O instrumento mediador utilizado, portanto, era a criação de histórias em grupo, pois, a dialogicidade existente na relação com os outros potencializava a abertura de novas ressignificações subjetivas e histórias de vida que, invariavelmente, surgiam e se misturavam nos discursos e nos atos das histórias coletivas.

Resultados e Discussão

Ao total foram realizadas cinco visitas de intervenção com duração em média de quatro horas. Durante as visitas, os pacientes e acompanhantes traziam diversos temas que se identificavam, desde temas relacionados à natureza, até competições de dança e jogos de sinuca. Conforme os temas apareciam, as outras pessoas

comentavam e juntos conseguiam estruturar e sistematizar uma história que os representava, com elementos de cada indivíduo.

A produção de uma história com diversas ressignificações das vivências dos pacientes e acompanhantes caracteriza-se como um instrumento artístico que media o diálogo entre os sujeitos desses quartos. Esse processo artístico cria novas perspectivas e possibilidades através das experiências vivenciadas no ambiente hospitalar, dessa forma as práticas de oficinas em saúde mental configuram como um “instrumento de enriquecimento dos sujeitos, de valorização da expressão, de descoberta e ampliação de possibilidades individuais e de acesso aos bens culturais” (Mendonça, p. 628, 2005). Pensando nisso, a importância dessas atividades se dá a partir do momento em que é possível dar um novo sentido às questões trazidas pelo grupo como um todo, pois as histórias são construídas a partir desse diálogo e discussão que acontece, efetivando o objetivo das oficinas de promover o diálogo e a integração.

Para compor a apresentação da discussão sobre esta intervenção, traz-se aqui trechos das histórias criadas coletivamente e seu processo de criação para exemplificar a potência de de grupo em espaço pensado para sua expressão. Quanto às questões éticas, não é possível identificar nenhuma informação pessoal ou de caráter sensível, devido a transcrição dessas histórias serem feitas pelos mediadores e, neste caso, mesclando as falas para compor um texto único, coletivo e lido junto aos participantes.

História 1: Inicia-se num trecho com o enredo de “três amigos se encontram depois de muitos anos, e querem organizar um acampamento. Quais histórias eles tinham para contar depois de tantos anos?”. A história criada ocorre no contexto acima, e considerações pontuais como “jogar conversa fora”, “esquecer os problemas”, “saudades desses amigos” (por terem ido embora ou falecido). Ambos os participantes tinham uma relação entre as histórias, permeadas de relações familiares e com amigos, relatam perdas, a falta e boas lembranças do vivido anteriormente. (Relato de agosto de 2022)

História 2: Inicia-se a história a partir das questões trazidas durante a primeira dinâmica, como o caso de um participante que relata ser muito bom em sinuca, onde os demais interagem para a construção da história: “É um torneio de sinuca que

aconteceria no *grêmio* do hospital, todos iríamos perder para *ele*, já que ele é o melhor nesse jogo. Teria laranjinha, cerveja e um churrasco a fogo de chão. Podemos levar mais 2 ou 3 amigos, assim como os filhos, maridos/esposas e os irmãos. Formaríamos um grande grupo de amizades e o prêmio seria troféus para os 3 melhores, o primeiro lugar ganharia uma das costelas que seria assada.” (Relato de setembro de 2022)

História 3: Inicia-se a produção a partir da discussão de vivências na praia, já que um dos pacientes nunca tinha conhecido a praia: “Os dois pacientes do quarto estariam saudáveis e rindo dos acontecimentos ruins, iríamos para uma praia famosa, e que seja muito boa e calma, mas também tenha a parte agitada para quem preferir. Iríamos todos em um ônibus levando tudo o que coubesse e nesse tempo de viagem faríamos muitas brincadeiras. Quando chegássemos na praia poderíamos caminhar na areia, pisar na água (pela primeira vez) e de comida teria muito churrasco e camarão.” (Relato de setembro de 2022)

As visitas realizadas foram importantes para que fosse compreendido na prática a aplicação de oficinas estéticas neste contexto hospitalar, visto que o material produzido sobre esse tipo de intervenção, em hospitais gerais, é escasso.

O encontro de realidades e contextos diferentes foi impactante, em alguns momentos haviam pessoas em melhores condições sociais do que outras, como o caso de um paciente que citou gostar de estar em sua casa na praia, enquanto outro nunca teve a oportunidade de ver e conhecer uma praia. A partir dessas questões, as histórias construídas aconteciam de dois pontos de vista muito diferentes, o que tornou a história e os sentidos criados a partir disso enriquecedores.

Da mesma forma que em alguns quartos o diálogo acontecia fluidamente sobre questões imaginárias, na maioria das vezes tirando o foco da situação atual, em dado momento, houve situação em que a intervenção não ocorria de maneira em que se conseguia produzir a história, pois, alguns participantes sentiam grande necessidade de falar sobre como seu processo de adoecimento lhe afetava. Por parte dos mediadores, isso não configurava prejuízo às visitas, visto que o acolhimento destas situações era constante devido ao contexto em que se inseria.

Acerca do processo estético, a própria forma como os estagiários criaram e conduziram as atividades pode ser considerada uma possibilidade estética de cada um, visto que se produziu a partir das experiências um novo sentido e novas

significações a respeito da inserção neste campo, permitindo momentos de troca entre pessoas que nunca interagiram e, dado o momento, oportunidade de escutar o outro e se expressar (Maximo, 2013).

Durante as intervenções, observou-se, através das oficinas estéticas, uma mudança nas relações que ficavam nos quartos mesmo após a finalização do processo criativo, estas escolhas no discurso das histórias tensionavam outras possibilidades de relações entre as pessoas que ali estavam e seus efeitos subjetivos, mas não descartando os sentidos e significados gerados na singularidade que, dialogicamente, se misturavam com os sentidos e significados coletivos. Essa desconstrução das relações cristalizadas estimulava uma nova maneira de estar e ser presente com os outros (Brito e Zanella, 2017).

Era comum, portanto, entrar em quartos em completo silêncio, sem interação, mas após o trabalho em conjunto, os sujeitos compartilham histórias entre si e suas respectivas identificações, que ampliaram ainda mais os assuntos pós-intervenção e, conseqüentemente, perduraram por tempo indeterminado, com tom de voz mais elevado para incluir outros naquele assunto. Em alguns momentos, era possível flagrar risadas que preenchiam o quarto e o corredor. Contudo, o contrário também era vivenciado, às vezes, o que ficava ao fim da intervenção era o silêncio de cada um, sem exigir que os participantes quebrassem com este feito pós-intervenção que tinha como única mensuração a história criada.

Por conta da instabilidade de rotina em um ambiente hospitalar, cada dia de visita e intervenção era diferente, com participantes diferentes, com funcionários e ambiente com mudanças frequentes. As percepções, então, eram de um recorte específico a cada dia de encontro, construídas a partir da materialidade objetivada e transformada com o intuito de tornar aquele momento em algo novo (Maheirie *et al.*, 2007). Aos estagiários, estas mudanças representavam um novo desafio na complexidade que poderia se apresentar a cada dia, exigindo que estivessem preparados para acolhimento, mediação, escuta e fechamento dos momentos de interação sem causar desconforto aos participantes.

Considerações finais

É possível observar que o estágio realizado no campo hospitalar permite que o estudante de psicologia vivencie e obtenha novas perspectivas a respeito do

adoecimento e tratamento, colocando em prática a escuta e o acolhimento necessários para entender o sujeito em sua integralidade, além dos aspectos fisiológicos, tão recorrentes no campo hospitalar, sendo que espera-se que o psicólogo seja o responsável por aliviar o sofrimento advindo de questões psíquicas ou emocionais, utilizando da escuta e observação na mediação desses conflitos (Volles, Bussoletto e Rodacoski, 2012).

As práticas da psicologia hospitalar necessitam, também, estarem atreladas à política de humanização, como uma estratégia de mudança no processo de promoção de saúde, valorizando os sujeitos como seres sociais e que, quando mobilizados, são capazes de transformar as realidades que enfrentam no ambiente hospitalar e, conseqüentemente, de provocar mudanças em si mesmos neste processo. É assumir uma postura ético-estético-política, em co-responsabilidade entre profissionais e usuários, olhando para cada sujeito em sua singularidade, história de vida e vê-lo como um sujeito do coletivo de história de muitas vidas (Mota, Martins e Vêras, 2006).

Sendo assim, as experiências obtidas com as oficinas estéticas, que se mostraram escassas de referencial teórico e prático em hospitais gerais, trouxeram aos estagiários novas possibilidades de compreensão acerca da subjetividade e singularidade humana, através da estimulação do diálogo em grupo por meio de instrumentos mediadores, em vista disso, a partir da promoção de um desenvolvimento do olhar estético, os indivíduos puderam reconhecer-se como protagonistas da sua própria história (Reis, Zanella, 2015), atribuindo novos sentidos e significados em seu processo de hospitalização.

Referências

BIANCHI, Anna Cecília; ALVARENGA, Marina; BIANCHI, Roberto. **Manual De Orientação - Estágio Supervisionado**. Cengage Learning Brasil, 2012. 9788522114047. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522114047/>. Acesso em: 02 Nov 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013

BRITO, Renan de Vita Alves de; ZANELLA, Andréa Vieira. Formação ética, estética e política em oficinas com jovens: tensões, transgressões e inquietações na pesquisa-intervenção. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 12, p. 42–64, 2017.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) nos serviços hospitalares do SUS**. Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas . 1. ed. Brasília : CFP, 2019.

MAHEIRIE, Kátia. *et al.* Processos de criação em educadoras: uma experiência e suas implicações. **Revista do Departamento de Psicologia. UFF**, v. 19, p. 145–154, 2007

MAXIMO, Carlos Eduardo. **Experiência de educação/ trabalho no SUS**: sentidos para estudantes em oficinas estéticas inseridos no pet-saúde. 2013. 126 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MENDONÇA, Teresa Cristina Paulino de. As oficinas na saúde mental: relato de uma experiência na internação. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, p. 626-635, 2005.

MOTA, Roberta Araújo; MARTINS, Cileide Guedes de Melo; VÉRAS, Renata Meira. Papel dos profissionais de saúde na política de humanização hospitalar. **Psicologia em estudo**, v. 11, p. 323-330, 2006.

NETO, Walter Mariano de Faria Silva; LIMA, Cárita Portilho de. Estágio curricular supervisionado em psicologia: aspectos legais, potencialidades e desafios para a formação do psicólogo. **Laplage em revista**, v. 5, n. 1, p. 19-29, 2019.

REIS, Alice Casanova dos; ZANELLA, Andréa Vieira. Psicologia Social no campo das políticas públicas: oficinas estéticas e reinvenção de caminhos. **Revista de Ciências Humanas**, v. 49, n. 1, p. 17-17, 2015.

VOLLES, Camila Christine; BUSSOLETTO, Greici Maestri; RODACOSKI, Giseli. A conspiração do silêncio no ambiente hospitalar: quando o não falar faz barulho. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 1, p. 212-231, jun. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582012000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 nov. 2022.